

ASSIM NA TERRA E NA LITERATURA

Fabiane de Oliveira Resende¹

RESUMO: O presente estudo ocupa-se da análise do romance *Assim na terra*, única publicação do gênero na carreira do escritor sul-rio-grandense Luiz Sergio Metz. A proposta de análise aqui seguida busca situar a narrativa na tradição regionalista sulina como obra que, simultaneamente, aproxima-se dessa tradição e apresenta transgressões em relação a ela. Na revisitação que promove ao universo rural e a alguns de seus ícones mais caros, por meio de uma linguagem atual e desafiadora, a obra em questão alinha-se à produção de outros autores sul-rio-grandenses das décadas finais do séc. XX, qual seja, a de abertura à literatura hispano-americana, o que podemos pensar como uma das vertentes da produção literária sulina desse período.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismo literário. Renovação da linguagem. Diálogo com a América Hispânica.

ABSTRACT: This study aims at analyzing the novel *Assim na terra* (So on Earth), the only publication of the genre in the career of the writer Luiz Sergio Metz, from Rio Grande do Sul. The proposal of the analysis followed here tries to place the narrative in the southern regionalistic tradition as a work that, simultaneously, approaches to this tradition and shows transgression in relation to it. In the revisitation that the book promotes to the rural universe and some of its more important icons through a current and challenging language, the work in question aligns with the production of other authors (of the 20th century last decades) from Rio Grande do Sul, i.e., the production that started the Hispanic-American literature, what we can consider as one of the outbreak of the southern literary production of that time.

KEYWORDS: Literary regionalism. Renewal of language. Dialogue with Hispanic America.

Assim na terra é daqueles livros que inquietam e desafiam intelecto e percepção. Enigmas, desconexões, falta e excesso de significações, poesia. Assim é sua leitura. Assim é a tentativa de apreendê-lo. E mais uma vez assim foi com esta leitora.

¹ Mestre em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

Às repetidas e dedicadas leituras de suas páginas, outras foram se somando, outros escritos do mesmo autor – Luiz Sérgio Metz, ou Jacaré², jornalista e escritor santo-angelense nascido na década de 50 do recente século passado. Para mim, um ser de papel (não o da definição estruturalista de personagem, cunhada por Barthes), porque é daí que o conheço: de sua capacidade de expressão, interação e criação com a palavra escrita. Pois *Assim na terra*, neste estudo, será examinado como representativo da escrita de Metz e como texto inscrito numa tradição cujo espaço ficcional remete à porção rural do Rio Grande do Sul, num diálogo que a revive e a subverte, por meio das múltiplas facetas que a palavra pode apresentar.

No dizer de Flávio Loureiro Chaves, assistimos, em termos de produção ficcional sulina contemporânea, a uma resultante notável de um mesmo processo dentro do qual se deu a revisão do acervo regional e, simultaneamente, sua superação, para mais adiante afirmar que nesse contexto surge um dos traços mais interessantes da literatura sul-rio-grandense atual: a permanência da região e a ultrapassagem do regionalismo.

Na esteira dessas revisitações situa-se, conforme já colocamos, *Assim na terra*, publicado no ano de 1995, pouco antes da precoce morte de seu autor. A narrativa consiste no relato de uma viagem vivida por dois personagens, o narrador (não-nomeado) e Gomercindo S., um homem que surge de forma curiosíssima no curso do texto, embora relatada com muita naturalidade. O roteiro é a direção do sul, lugar pleno de significações, muitas delas atreladas àquela mesma tradição de que tratamos anteriormente. Direção que já foi perseguida pela ficção de Borges, pela poesia de T.S. Eliot e pelo tango de Gardel.

No romance de Metz, o sul é símbolo e objetivo da busca dos dois homens, que se lançam aos últimos corredores desse espaço meridional. Primeiramente tem-se o narrador, solitário, revivendo suas lembranças da infância e da juventude ao trilhar por um caminho meio distante da cidade, percebendo as mudanças ocorridas e em ocorrência no presente, com os olhos de um adulto letrado que revisita seu passado em imagens, lembranças e imaginação. De certo ponto em diante, a caminhada passa a ser compartilhada com Gomercindo S., híbrido de fantástico e “realidade”, velho declamador de décimas que o narrador encontra dormindo ao relento, pilchado e que, a partir daí, passa a ser seu companheiro de aventura e de aprendizagem. Ele é quem mais tarde irá propor que a viagem, agora de ambos, seja continuada no lombo de um cavalo e, já na parte final do relato, sugerirá que passem a cavalgar com os olhos vendados, até quando e até onde aguentarem, enxergando apenas com os olhos de dentro.

O enredo sumarizado no parágrafo anterior alia-se à linguagem extremamente atual, levada ao cabo de seu potencial poético, de arranjo sintático, fônico e semântico peculiar, fazendo o texto comunicar-se com a literatura de diferentes autores, lugares e tempos. O que reforça a tese de Chaves e de outros estudiosos da literatura sul-rio-grandense, que já afirmaram perceber na produção

2 Apelido pelo qual era conhecido na roda de amigos e que se estendeu também ao meio intelectual.

ficcional sulina contemporânea uma permanência do regional *pari passu* à abertura ao universal. No texto analisado, a referida abertura pode ser observada a todo instante, tanto no eixo temático quanto no discursivo.

O primeiro, temático, pode ser tido ainda como o da permanência do regional, à medida que relata (nunca de forma tão simples!) uma história de dois sujeitos que viajam ao sul, grande parte no lombo de um cavalo, em harmonia com o meio natural que os cerca, sendo um deles o reviver da figura do velho sábio, habitante do campo e das páginas da literatura. Em termos gerais, é a aventura nômade do gaúcho sobre o cavalo na terra que é sua, os campos e coxilhas da querência. É de lá que “vem” o narrador e uma das poucas informações que temos a seu respeito: “Desses fogos, dessas almas, do negaceio brilhante do sol caindo no fundo da fenda da coxilha, vista sumir com ele, vim”. (Metz, 1995, p. 15). Um homem fruto do meio – com o qual, reforçamos, vive em harmonia –, da paisagem natural e da combinação entre suas formas. Novamente o sentimento telúrico do homem sul-rio-grandense, sentimento de pertencimento a um chão, seja ele da Campanha ou das Missões, motiva o empreendimento épico, tão representativo do cotidiano do gaúcho *Monarca das Coxilhas*.

O valor da terra, como origem e força-motriz, a exemplo do que acontecia especialmente nos clássicos da gauchesca³ e constituía um de seus pontos basilares, determina o volume e a valorização da descrição espacial na narrativa em questão. No texto de Metz, a “pintura” do sul é abundante, subjetiva e poética, feita por meio de imagens, associações e enumerações nada convencionais, que misturam “bodum de gambá e genuína carqueja com Baudelaire”. (Metz, 1995, p. 20). É através dessas descrições que o narrador nos provê de dados, indícios, ícones de que a narrativa se passa em ambiente rural, por ele denominado “sul”. Nelas, conforme passagem a seguir, além da situação espacial, revela sua forte ligação com a terra, na sensação que expressa da necessidade de senti-la para poder refletir. Diz ele:

ia seguindo pela terra batida ouvindo os pés murmurarem para a cabeça refletir: tabatinga, saibro, areia decantada, seixos, um osso, água correndo, erosão, tufo de macega, novamente o trilho, barro, terra seca, vidro, rastro de roda, de homem descalço, pegadas de sorro, coisas menores, cães também, sombras de revôo gravadas, gradação da lua seguindo nos baixios, aura de um pano caído, metal, vento reforçando a pista, incidindo sobre um olor, os úmidos amarelos, a genuína carqueja, os estalantes sumos dos caraguatás, o linguajar dos espinhos, fragrâncias [...] (METZ, 195, p. 20)

Em outro momento, reforça a mesma ideia da necessidade do meio natural e do contato com ele (frequentemente por intermédio da terra, elemento natural de múltiplas significações no texto) para a formulação e clareza do pensamento,

³ Aqui me refiro às narrativas regionalistas situadas entre as últimas décadas do séc. XIX e as primeiras do séc. XX, período em que o gaúcho e a campanha foram elaborados miticamente, fundando uma tradição que, desde lá, vem sendo seguida, questionada, relativizada, revisada.

chegando a um máximo deste ser confundido ou transfundido com e na natureza:

Sempre que estive em transe, como nesse, foram folhas que me livraram das desapareições. Os pensamentos limpos demais são pavorosos. Necessitam da natureza neutra e sóbria dos vegetais. Revestidos com eles, e sendo eles também, os sistemas complexos que explicam nossas dúvidas não permanecem tão estranhos em sua mecânica voraz. (METZ, 1995, p. 78)

Nas duas passagens anteriores, como em outras tantas que poderiam ter sido extraídas ao longo do livro, a terra é elemento centralizador, em torno do qual gravitam pensamento, memória, imaginação, criação e identidade. Elemento, portanto, decisivo à escritura e à leitura do romance.

Antes mesmo de estar no título e na temática da narrativa, a terra já era algo muito próximo da vivência física e cultural do autor Luiz Sérgio Metz quando da escrita de seu romance: foi motivo de um empreendimento singular, uma viagem de 600 quilômetros sobre o lombo de um cavalo, que fez com mais dois companheiros, Pedro Luiz Osório e Tau Golin. Juntos, atravessaram oito municípios gaúchos, de Santa Maria a Jaguarão, em treze dias de intenso calor do mês de março do ano de 1980. Da ousada cavalgada, entre outras, surgiu a publicação do volume *Terra Adentro*, relato de viagem composto por fotos, matérias jornalísticas, contos e uma entrevista, publicado em 2006, dez anos após a morte de Metz. Na entrevista anexada ao volume, concedida por Pedro Osório e Tau Golin, o primeiro situa a terra como motivação para a cavalgada ao longo dos lugares mais característicos do Rio Grande do Sul:

É importante situar as nossas origens, também com ascendência de colonizadores. Disso tudo brotou um grande amor pela terra. E, hoje, em razão da nossa condição de intelectuais, nos colocamos a necessidade de conhecer a terra, e conhecer a fundo. E, principalmente, de percorrer as regiões que mais caracterizavam o Rio Grande do Sul. Foi a partir daí que fizemos a viagem. (METZ; GOLIN; OSÓRIO, 2006, p. 125)

Mais adiante, torna clara outra intenção do “amigo Sérgio” que, segundo ele, “tinha, na viagem, o interesse literário, dedicado totalmente à função de escritor. [...] em busca de conhecimento do povo, para elaborar sua obra, seus personagens, as coisas que pretende escrever, essa [a viagem a cavalo] seria uma das maneiras”. (METZ; GOLIN; OSÓRIO, 2006, p. 126). As palavras de Pedro Luiz Osório revelam um importante caminho explorado pelo romance em estudo: a constante relação entre vida e literatura, realidade e ficção, em que as duas instâncias de pares (até então opositivos) se realimentam mutuamente. Assim, borram-se as fronteiras entre os pares mencionados, envolvendo temas e conceitos muito caros à formação e ao conhecimento humano, como ocorre entre a verdade e a mentira, a memória e a imaginação, a continuidade e a ruptura, o eu e o outro, numa atitude de constante questionamento de verdades pré-concebidas e cristalizadas.

A viagem do narrador, que se autodefine como esse caminhante, e de seu companheiro Gomercindo certamente tem em comum com a viagem-conhecimento dos três amigos, que acabou se transformando também em discurso,

em palavra, agora sim, como diria Barthes, pela aventura da linguagem. A condição de perenidade do relato, dada pela palavra escrita, novamente aproxima as duas “aventuras”: ambas chegam ao leitor como produto da linguagem, materializadas em discurso, do qual participam a memória, a imaginação, a subjetividade. A viagem dos três jornalistas serve como mote para a ficção, mas esta já havia motivado aquela, numa compreensão cíclica da vida e da arte, em que ambas se recriam sem obediência a fronteiras rígidas e a posições hierárquicas.

Assim, na prática textual, o narrador formata a passagem do tempo na imagem da casa distante, “entre luzes e **livros**” (METZ, 1995, p. 15 – Grifo meu); costura ao seu relato de viagem ao sul, explícita e implicitamente, nomes e obras de mais de duas dezenas de poetas, dramaturgos e escritores, de Homero a Aparício da Silva Rillo; a poesia é guia e parâmetro para o narrador: por meio dela enxerga o lugar pelo qual passa e descreve suas percepções; Gomercindo declara, em palavras textuais, “Eu vivo uma obra”. (METZ, 1995, p. 76); também é a criação literária que prepara a terra para o plantio, pois, segundo o narrador, “os lavradores tinham uma lenda que lavrava a terra por eles, enquanto os bois adormeciam” (METZ, 1995, p. 116); ao se deparar pela primeira vez com Gomercindo e as iniciais G.S., inscritas no cinto, logo pensa em Gregor Samsa, personagem de “A Metamorfose”, conto de Kafka. Muitos são os exemplos que atestam a relação profunda e complexa entre vida e literatura ao longo das páginas de *Assim na terra*, entre o ciclo de vida da natureza e o processo de criação da escrita, em que a folha de papel e a da planta teimam em sobrepor, tornar ambíguos e inverter seus significados.

Nesse contexto, a palavra, matéria-prima da escrita e da criação literária, torna-se também criadora da vida, uma vez que sela a existência das coisas e dos seres, ou pelo menos a faz compreensível ao ser humano, numa clara aceção da força criadora da linguagem. Ela tem, portanto, o poder de inaugurar, ideia que não se origina no texto de Metz. Basta pensarmos na narrativa da criação do mundo, contada pela Bíblia judaico-cristã: “E Deus disse: faça-se!” E o mundo foi criado do nada, por obra e força da palavra.

Aqui é a palavra que dá à luz o relato e o romance, frutos ambos do desejo humano de linguagem, de transformar a experiência vivida ou imaginada em linguagem. Prova textual desse desejo se dá na viagem, que inicia solitária, apenas com o narrador; entretanto, tendo como sua única companhia uma caderneta de anotações, na qual ele registra impressões e sensações do caminho dos corredores do sul. Quando aceita o convite de Gomercindo para conhecer sua estância, logo lhe é pedido – e com urgência! – que escreva um trabalho sobre o sul: “Gomercindo pediu-me para escrever, escrever no Pensário [local construído como espaço para o pensamento se transformar em palavra], e escrever sobre o sul” (METZ, 1995, p. 94). É também Gomercindo que alude à “necessidade de dizer coisas” (METZ, 1995, p. 74), ainda no momento em que propõe a escrita do sul. Em tempo e local distante, Bakhtin, em seu já nos ensinara que o homem é um ser de linguagem, espaço em que efetiva e materializa o seu Ser.

Junto ao trabalho de escrita sobre o sul, Gomercindo pede em tom de súplica: “Salva-me. Dialoga comigo em tuas anotações” (METZ, 1995, p. 74). Como

se o seu pedido já estivesse previamente sendo atendido pelo narrador, numa fusão de textos, objetivos, desejos, buscas. Em palavras textuais, tornando um no outro, transfundido [destacar o texto da citação] (METZ, 1995, p. 94). Ponto comum e bastante significativo entre o narrador e Gomercindo, a justificar essa transfusão, pode ser compreendido justamente dentro daquilo que Mario Simon, jornalista e escritor missioneiro, nomeia de arquétipo da busca. O processo de buscar, que não tem fim e por isso mesmo move o ser humano, inclusive na direção da escrita, alinha as duas personagens a outras tantas na vida e na ficção, pois segundo afirma Gomercindo, “Uns querem a flor de Coleridge, outros querem o Graal, outros o Demônio, outros a palavra, e outros o acorde, outros a cor para a forma” (METZ, 1995, p. 107). O homem busca porquanto tem consciência de sua fragmentação, de sua condição de ser um “eu aos pedaços” (METZ, 1995, p. 20) e de sua incompletude: “Eu mudo, eu não estou completo”. (METZ, 1995, p. 86) Transfundidos na busca, os dois “homens” partilham um mundo, entendido como tempo-espaço, “onde a ação e o sonho se unem e se confundem, sem limites” (METZ, 1995, p. 156).

Gomercindo e o narrador, ambos nos dão pistas dessa transfusão: “o primeiro brinca: Esse até parece que dormiu nos meus pelegos”. (METZ, 1995, p. 113); o segundo afirma a respeito do companheiro: “Dizia coisas minhas nas dele, deslavadamente se apropriando de tudo, num furto profuso, elétrico, contagiado” (METZ, 1995, p. 74). Mais adiante: “Uma coisa nele me lembrava. Ele estava virgulando como eu” (METZ, 1995, p. 74). E assim a possibilidade dessa transfusão nos remete novamente ao âmbito da palavra, da escrita, onde tal encontro é possível. Isso significa que, além de criar, a palavra também recria e transforma; em todos os casos, sempre imbuída de grande poder e valor. Poder levado ao extremo no pedido de “Salva-me”, feito por Gomercindo: a palavra, até então geradora de vida, atua também na outra ponta do ciclo, livrando-o do esquecimento, aqui, sinônimo de morte. Como no caso dos guaranis, em que o narrador prefere não efetuar registros, numa espécie de protesto pela extinção da cultura indígena em benefício de outra, branca, eurocêntrica:

Andamos sobre uma língua morta, sobre guaranis mortos, e que merecem respeito, de maneira que não anoto os toponímicos que os lembram e desta forma merecemos nos perder, senão por nada, ao menos em uma homenagem àquilo que eles fizeram por nós que sobre os seus disparamos nossos pesados exércitos e os enviamos para o silêncio [...] (METZ, 1995, p. 104).

Na citação destacada, se reafirma uma vez mais a acepção de que a palavra tem a função de conferir existência aos seres e às coisas, metaforizada na associação entre a morte da língua e a morte do povo. Assim como a palavra instaura a vida, o silêncio ou a ausência dela refere-se à morte, no caso dos guaranis sob a forma do extermínio.

A redenção suplicada por Gomercindo é, então, faculdade da palavra. Entendimento que já fora objeto de reflexão do narrador, quando ainda viajava sozinho em seu itinerário pelo sul, ao percebê-lo transformado e descaracterizado pela ação do tempo, com a introdução de novas técnicas e produtos para o trabalho do campo, sentimento explicitado na passagem a seguir:

A luz da lua mostrava a surpresa e a maravilha nos semblantes. Ficaram fazendo rodas em outras árvores, seguiam para onde fosse o vidro com o líquido branco, que fora renovado. Estavam mudos e estranhamente decididos. Quando retornaram à figueira ainda havia uns verdes nela. O experimento estava dando certo. Valia para pequenos e grandes projetos. Desde os canteiros domésticos até a lavoura imensa. Bastava ver o tipo de folha para se saber qual a mistura. Estavam enterrando as enxadas e as capinas, abrindo o sul para a técnica, anônimos, na noite alta, usando suas próprias árvores de sombra para provar a exatidão da química. (Op. Cit., p. 37)

A noção do sul modificado, invadido em sua identidade e cotidiano pela modernidade não aparece somente em *Assim na terra*, mas também em alguns contos do mesmo autor. Como ocorre, por exemplo, em “A noite da boiguaçu” ou em “Ulpiano, seus irmãos e sua velha mãe”, ambos publicados no volume *O primeiro e o segundo homem*, representando uma marca na escrita de Metz. A percepção de tal transformação diz respeito não só ao sul, como também ao narrador, que igualmente se percebe transformado, num contexto que não é mais o de sua infância:

Eu crescia. O pataleio fora secando nos trilhos de terra vermelha. Boi e tropeiro, colorados de pó, se foram. Canções de erguidas gargantas queimadas contra as nuvens, rigorosos punhos enlaçados em rodilhas de couro, cederam e se sucederam sob o mesmo céu e desapareceram, ficando em uma de minhas casas um velho quadro de Molina onde um homem sorve um mate numa manhã muito fria e descampada, uns espininhos em sua volta, um fogo minúsculo aquece o branco dos seus olhos, que estão planos para dentro de minha varanda, onde estou crescendo. Desta casa vejo a outra distante [...] (METZ, 1995, p. 15)

A passagem escolhida, situada bem no início do relato, encontra eco bem mais adiante, já na parte final da narrativa, quando começa a cavalgada:

Mas a querência está ficando longe e o ar do fogo e da manada vai mudando. O facho dos recuerdos, os braseiros, perdem força e enfraquecem seus signos a cada dobra no espaço que delonga, que separa os maternos cheiros e que recolhe os gravatás pela frente [...] (METZ, 1995, p. 103)

Nesse meio, a poesia surge como uma alternativa de resposta e de resistência: “Se eu entrasse na venda e dissesse uns versos poderia alterar aquele lance de acasos? O poema jamais alterará os dados, senti. Ou altera?” (METZ, 1995, p. 37) O parâmetro de observação do narrador diz respeito ao passado (ao sul como era antes), mas a possibilidade de atuação da palavra-poesia se refere também ao presente e, ao mesmo tempo, remete ao porvir; a palavra é revivescência, registro e anúncio. O dizer de Gomercindo, “Alguém adivinhou que a função do poeta é despertar o futuro”. (METZ, 1995, p. 97), atesta a capacidade da palavra de atravessar os tempos, conferindo-lhes sentido e coexistência.

Nos parágrafos dedicados ao estudo da palavra, seus desdobramentos, funções e potencialidades, ela está sendo pensada como instrumento da linguagem simbólica, claramente predominante no romance em questão. Nela, conforme

Marilena Chauí, em seu *Convite à Filosofia*, ocorre o predomínio da memória e da imaginação, duas fontes ou formas de conhecimento consideradas não fidedignas, por uma tradição alicerçada na Antiguidade Clássica e reforçada pelo ideário cartesiano. Pois no texto de Metz, ambas têm participação e função primordial: a imaginação é a base da estruturação da linguagem e do conhecimento sensorial do homem e da terra, suscitando associações, sinestésias, poesia, prosopopeias e aliterações. A memória, o registro e preservação das duas instâncias que pretendemos interligadas, ou seja, vida e literatura.

A faculdade de redenção, uma dentre outras tantas que a palavra possui, segundo o que propusemos há pouco, tem íntima ligação com a memória em sua dimensão individual e coletiva. Segundo Marilena Chauí, a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também o registro do presente para que permaneça como lembrança (2002, p. 128), de modo a nos mostrar a permanência de um tempo no outro. Segundo ensinamento de Gomercindo, “nossa infância está vencida e mesmo assim nos contagia”. (METZ, 1995, p. 114) Dessa forma, recorrendo à memória e selando sua importância, homem, terra e texto renascem, se preservam e se perpetuam, num ciclo que não termina, mas, ao contrário, promove constantes renascimentos, semelhante ao que ocorre com as estações do ano, medida da passagem e da compreensão do tempo, adotada no texto. Convém lembrar que abrindo e fechando o relato da viagem, temos quatro pequenas narrativas, intituladas justamente com o nome das estações climáticas e, não por acaso, sua ordem, nos dois casos, inicia pela Primavera. A ideia dos versos de Eliot, que servem de epígrafe ao romance estudado, repetida à maneira de um refrão, também contribui nesse e para esse sentido, ecoando ao longo de toda a trajetória pelo sul: o começo no fim e o fim no começo. A estrutura da narrativa reforça tal concepção, com o abandono da linearidade cronológica do processo de narração: não há mais como pensar em início, meio e fim enquanto momentos estanques e acabados.

Ao evocarmos a memória como instância significativa para a estrutura e tessitura textual, a personagem Gomercindo merece novamente nossa atenção, não somente pelo fato de ser uma espécie de memória “viva”, depositária das coisas e da gente do sul e também da tradição literária ocidental, mas também pelo pedido que faz ao narrador para que este escreva no seu chapéu a frase “Tradição não é grossura”. (METZ, 1995, p. 110). Enquanto o narrador atende seu pedido, Gomercindo sentencia que “as grandes obras estavam no centro das melhores recordações do povo” (METZ, 1995, p. 110), realinhando vida e literatura. Pouco antes, em fala bastante longa, típica dos grandes sábios, ele argumenta que “Os Bardos, desde Homero, sempre foram a memória das aldeias” (METZ, 1995, p. 109), numa costura entre memória e poesia, reforçando o sentido já mencionado de trânsito entre tempos que a palavra possui e a função desta de carregar lembranças que não devem ser apagadas.

A memória e o seu registro na e pela palavra tornam possível a confluência dos tempos. Assim, de novo Gomercindo, desta vez, dando as tintas para a escrita sobre o sul, diz: “Ali chegam outros mortos, Rulfo morto, Cortázar morto. Nós dois estamos vivos, este mapa [missioneiro, a oeste do sul está vivo, o diálogo está vivo”

(METZ, 1995, p. 75), o que reforça a imortalidade da literatura, uma vez construída pela palavra, sobretudo escrita, mesmo após a morte física dos autores. E ainda aponta o fato de que o encontro de homens, tempos, lugares e textos distantes só se torna possível no âmbito da palavra.

Por tudo que afirmamos até agora, se a palavra gera vida, como a terra, que nesse instante se equivalem, nada mais lúcido e coerente que explicar e transmitir o mundo, o homem e o processo da escrita por meio de metáforas da natureza (recurso largamente utilizado pelas narrativas regionalistas, em especial no uso da prosopopeia) como no caso já citado das lendas que lavravam a terra para os agricultores, ou na afirmação do narrador de que “O chão é ele, é todos os depois, nosso e da planta” (METZ, 1995, p. 87), ou ainda da “Biblioteca de árvores que leram a terra e se entranharam dela, de sua água e sua sorte”. (METZ, 1995, p. 27) Em comum nos exemplos ilustrativos, além da transfusão homem-terra-palavra, a busca por uma roupagem nova para ideias-imagens construídas com a tradição, corroborando o poder permanente de criação da linguagem, que é criação humana e ao mesmo tempo criadora do homem e do seu mundo.

O processo de escrita também é entendido segundo as leis da terra, chão que diz identidade e gera vida: “O grão usa sabiamente o chão: a terra é seu passatempo, o caule um esboço para o texto que amadurece. [...] Anotei: o cabelo na ponta da palha é a palavra do grão, seu anúncio, talvez a revelação pelo fio” (METZ, 1995, p. 86-7).

Elemento catalisador, que serve à vida e ao aprendizado, a terra reveste-se de uma aura sagrada não somente no romance em questão, cujo título é facilmente associado a um verso da mais conhecida e praticada oração cristã, mas já na primeira narrativa do volume *O Primeiro e o Segundo Homem*, coletânea de contos de Metz, publicada nos anos 1980, já citada anteriormente. Trata-se de “O neto do Senhor”, narrativa que revive o nascimento de Jesus, o filho do Senhor, porém na geração seguinte e em território missionário, onde os reis magos eram bugres guaranis. Em ambos os casos, “a linguagem aparece com seu poder encantatório, isto é, uma capacidade para reunir o sagrado e o profano” (CHAUÍ, 2002, p. 138), fazendo da terra, nesse caso específico, o sul, um elo entre o divino e o humano e entre o homem e o seu Ser mais essencial.

A terra é o sul e o sul é a união de tempos e espaços e a percepção da contração espaço-temporal. Com grande sabedoria, argumenta Gomercindo que “O mundo está de tal forma único que não há ponto que não possa ser alcançado em um único dia (METZ, 1995, p. 131). Também são dele as seguintes constatações: de alguma maneira um homem acaba repetindo todos os homens, desde os remotos”. (METZ, 1995, p. 137) e “Cinco temas apenas compõem todos os livros” (METZ, 1995, p. 77). Em função dessa compreensão de totalidade, “El Aleph”, de Borges, se faz tão presente na escritura de *Assim na terra*, da mesma forma que outros tantos contos, livros e histórias se fizeram na escrita e concepção do Aleph. Como no conto do “Cego Argentino” (clara alusão a Borges, feita no romance em questão), as citações extraídas do texto são perpassadas pela tentativa de apreensão do todo e pela intuição da simultaneidade, tema escrito e pensado já há muito tempo, cada vez mais presente no externo e no interno do homem: extremos se sobrepõem e se

interligam sem fronteiras e sem limites e o infinito, o universo, cabe no *Aleph*, cujo diâmetro seria de medidas mínimas. Assim, forma-se a ideia de que em cada parte está contido o todo e, por isso, o universo cabe dentro do sul, capaz de revelar em si todo o universo. E por motivo análogo, *Assim na terra*, com suas associações, citações e transfusões, também contém todos os livros em cada uma de suas páginas. E a busca do narrador e de Gomercindo é também a busca do Ser Humano. Na mesma esteira de compreensão, uma voz urbana do sul, Nei Lisboa, cantor e compositor gaúcho, contemporâneo de Metz, afirma, no título de seu LP, que “para viajar no cosmo não precisa gasolina”. E assim foi e será: o começo no fim; o fim no começo.

E nessa viagem espaço-temporal-literária, em que terra, homem e palavra se encontram transfundidos, co-habitantes, o romance de Metz é exemplo sólido de que a literatura regional continua a render bons frutos, porque no universo da linguagem não existem demarcações ou fronteiras intransponíveis. Ao final destas páginas, ficam a alegria de ter saboreado tão intensa leitura e a angústia de não ter meios para esgotá-la, uma vez que cada ponto é feito de todos e um fim é invariavelmente um novo começo.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural a Narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad. de Flávio José Cardozo. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **História e literatura**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.
- _____. **Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FISCHER, Luís Augusto. **Conversa urgente sobre uma velharia – uns palpites sobre vigência do Regionalismo**. In: **Cultura e Pensamento**. n.3, dezembro de 2007. p. 127- 139.
- METZ, Luiz Sérgio. **Assim na terra**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **O primeiro e o segundo homem**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- METZ; GOLIN; OSÓRIO. **Terra adentro**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.
- SIMON, Mario. **Contos Missioneiros**. Santo Ângelo, EDIURI, 2004.